

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

20 de Fevereiro de 1914

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

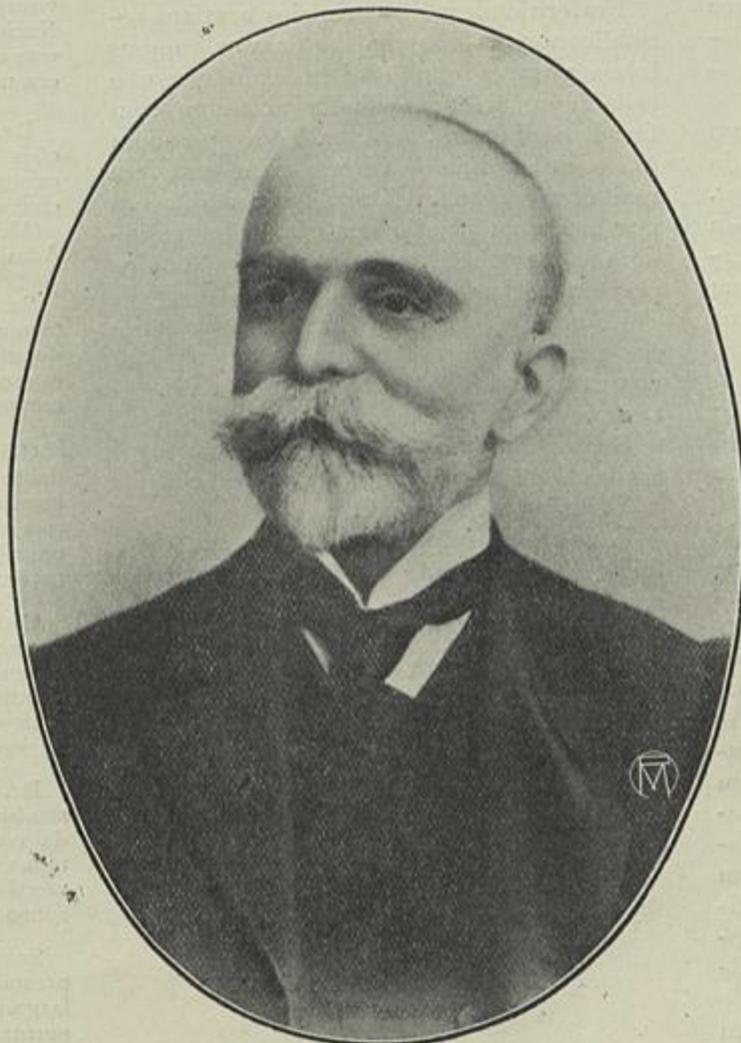
N.º 1265

O NOVO MINISTERIO

CRONICA OCCIDENTAL

Bernardino chegou. Esta frase meramente noticiaria toma, no momento politico, uma significação amplissima. Tornada estribilho duma canção alegre, repete-se, instante a instante, para esparecimento de espiritos. Se pudessemos recuar no tempo á época das melodias ultraromanticas, ainda poderíamos nutrir esperança de ou-vil-o e aprecial-o nos salões com acompanhamento denque ao piano.

Em compensação, nesta quadra de prosaísmos republicanos — diríamos *realistas* se não temessemos ofender as instituições vigentes e a boa literatura — cremos que dele habilmente se aproveitará o sabio e talentoso sr. Nunes da Mata para fecho sensacional de peça que, segundo informes preliminares ou notas elucidativas de s. ex.^a, poderá ser considerada drama ou comedia a bel-prazer e arbitrio de pisapalcos e publico espectador... Bernardino chegou. E a frase brinca de rastilho em todos os labios e fulgura de expressão em todos os olhares. Chegou... E com ele — surgiu de novo aos corações portuguezes uma esperança promissora.

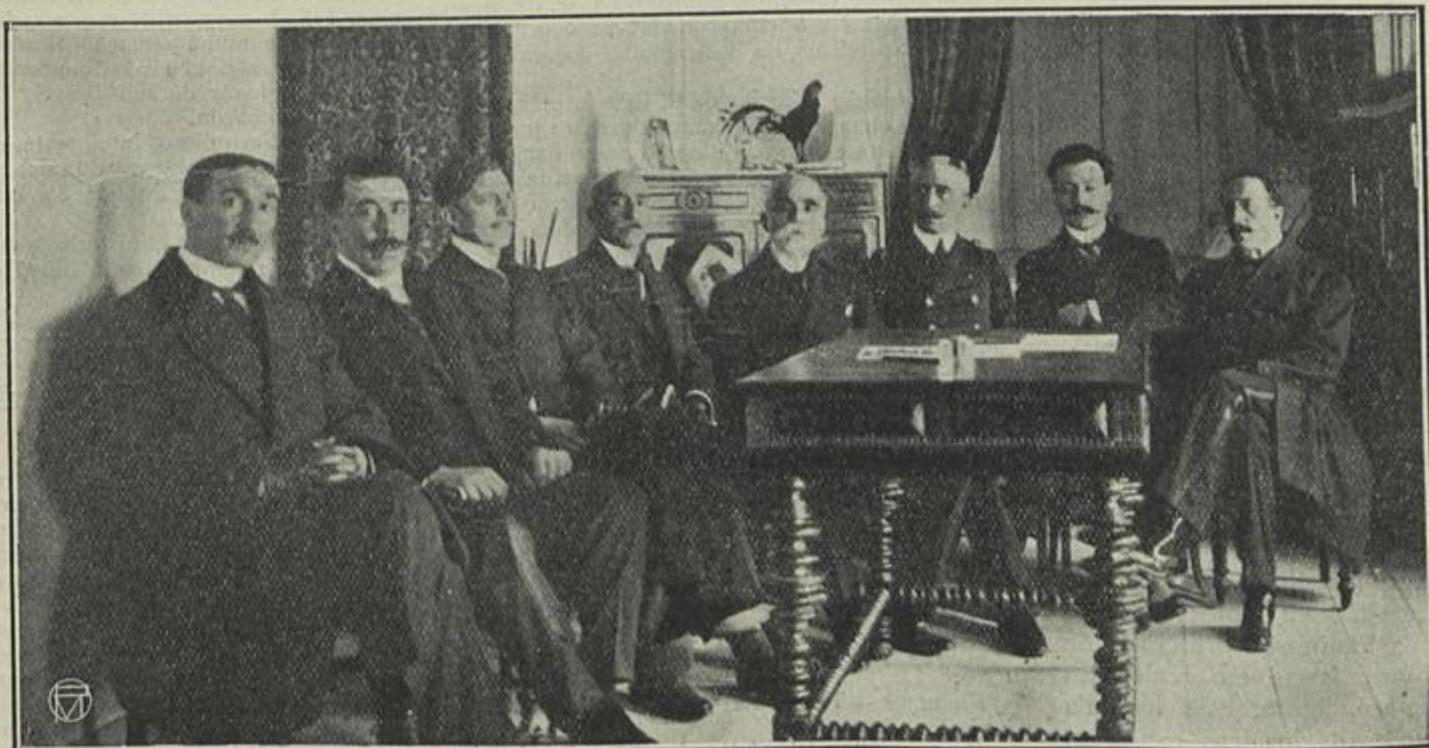


DR. BERNARDINO MACHADO

Todos os odios se calam. Todas as intrigas se quebram. Todas as desavenças se desfazem irresistivelmente. Consoante se diz — começa de raiar sobre este lindo paiz uma aurora de cordealidade.

Bernardino é o Enviado. Bernardino é o Messias. Bernardino é o Redemptor. Ele é o nosso deus feito homem. Pese muito embora ás barbas apostolicas de Guerra Junqueiro — Ele é a esperança encarnada... e verde da nossa bem-amada república. E se bem nos recordamos, tambem Bernardino teve o seu profeta que não foi outro senão o malogrado pintor Baeta que iluminou a oleo sacro a sua crença numa tela exposta, entre rumas de casimiras e panos crus, para extase e gaudio das gentes, num compartimento dos Armazens Grandela. Bernardino chegou. Fez sua entrada solene e festiva na cidade de Lisboa. E' verdade, não lhe cingia a fronte predestinada uma auréola de além-mundo. Não lhe atapetaram o caminho de mantos e palmas. Não no vitoriam com hossanas estrugentes de entusiasmo. Que nós saibâmos — tambem não no passearam triunfalmente pela cidade montado num burrinho manso...

E' certo. Mas vêde, ó povos, como a sua consagração ainda foi mais gran-



DR. AQUILES GONÇALVES, MINISTRO DO FOMENTO — LISBOA DE LIMA, MINISTRO DAS COLONIAS — TOMAZ CABREIRA, MINISTRO DAS FINANÇAS — GENERAL PEREIRA D'EÇA, MINISTRO DA GUERRA — DR. BERNARDINO MACHADO, PRESIDENTE DO GOVERNO E MINISTRO DO INTERIOR E DOS ESTRANGEIROS — CAPITÃO DE FRAGATA AUGUSTO NEUPARTH, MINISTRO DA MARINHA — DR. MANOEL MONTEIRO, MINISTRO DA JUSTIÇA — DR. SOBRAL CID, MINISTRO DA INSTRUÇÃO.

diosa. Aguardava-o, resistentemente, a pé firme, uma enorme multidão de amigos e admiradores, que se apinhava em massa compacta por todo o vasto largo do Terreiro Paço. A população aclamou-o delirantemente. Centros de propaganda fecunda cativaram-no de abraços. Sociedades de recreio realisavam, á sua passagem, as pequeninas partes mais divertidas dos seus programas. E as filarmónicas romperam, em hinos, timpanos e trompas.

Quando s. ex.^a pôs pé em terra firme, a manifestação de simpatia subiu ao seu mais alto apogeu.

Neste ponto, devemos repetir e afiançar que o sr. Bernardino, não entrou, á maneira de redentor christão, na cidade contrita bifurcado sobre um animalejo de especie asinina. Em verdade, tinha á sua disposição lindos e corpulentos exemplares. Recusou-os, porém, menos por desdem que por simples compaixão...

Limitou-se burguesmente a subir a um caleche e nele se dirigiu, muito afadigado e muito aborrecido, até penates saudosos. Nós tivemos ainda — valha-nos isso — a fortuna de lobrigal-o, ao alto, sobre a berlinda, a sorrir amigavelmente ao povo que o vitoriaava, e a agradecer-lhe, em gestos largos e sucessivos. — E vibrou em nós, perturbadamente, uma impressão inefável e indescritível, ao contemplarmos de longe a sua figurinha sorrisonha e bondosa, emagrecida de jejuns politicos e macerada de profundas locubrações diplomaticas.

Misteriosos e sabios são os disignios de Deus. Vindo das terras distantes de Santa-Cruz — assim ele vem agora prègar corajosamente, inutilmente, aos infieis de Portugal. As bôcas que o aclamam, talvez ainda se escancarem em raiva e lhe joguem de arremesso doestos e vaias. As mãos que o saudam, febricitantes de entusiasmo religioso, talvez ainda se lhe ergam ao olhar espavorido em ameaças de punição. Talvez. — A historia nol-o ensina e factos recentes nol-o confirmam. — Quem sabe, se não no vermos, em breve, crucificado ignominiosamente entre um condenado impenitente e um arrependido culpado?...

Mas sejamos optimistas e vejamos com precaução. Que nos traz Bernardino do seu longo e meditativo exilio para salvação do mundo? Que milagrosos elixíres recolheu por terras de Brazil?

Doce de goiaba? Plumas de periquito? Um papagaio?

Planos de governança?

Algo de tudo, para bem de todos, nos trouxe, se atendermos aos seus passos, aos seus gestos, ás suas palavras e ás suas dulcissimas promessas. Entanto, a sua declaração ministerial encarregou-se de reduzir a nada todas as nossas presunções.

Exclusivamente, o que lhe vimos de positivo foi o seu chapeu alto democratico de torna-viagem. De resto, é dos sete reflexos desse famoso e nunca assaz decantado chapeu que vai raiar uma aurora refulbrantissima de cordealidade.

Tenhâmos esperança.

Bernardino vae assegurar em Portugal as bases duma verdadeira democracia. Sómente, agora, os luminosos principios de 89 tendem a formular-se em realidades concretas. Sómente, agora, essa legenda humanitaria que mãos ironicas exararam nos porticos do templo republicano, será cumprida. Igualdade, liberdade, fraterni-

dade — são palavras mentirosas que esperaram, com fé, o advento do sr. Bernardino Machado para se converterem e transfigurarem, por obra e graça do seu espirito, em verdades praticas incontestaveis. Adentro desta faixa occidental da Iberia, desde a proclamação gloriosa da republica, que têm elas, de modo preciso, significado?...

Igualdade? Hora a hora, dolorosamente, os campinos abandonam, em desanimo e desolação, os lares, e vão para longes regiões em busca do pão negro que a patria madrasta lhes nega. A mendicidade aumenta clandestina. Entanto, ha quem diga que, junto ao Caes das Colunas, por aguas mansas do Tejo, tubarões regorgitam, á farta, dos sãoes e pôdres do orçamento.

Fraternidade? Nos proprios arraiaes republicanos, os homens são para os homens lobos vorazes e não se poupam que não raivem de ameaças. Todos aclamam com fervor a soberania popular. Todos possuem mãos de carícia e veludo para essa fera mal domesticada. Entanto, dia a dia, um por um, com gaudío dos circunstantes indemnes, os chefes politicos são enlaivados por ela de lama e fel venenoso.

Liberdade? Centenas de criaturas, nossos parentes e nossos amigos, aguardam nas masmoraas do Estado a hora da libertação.

Bernardino vae assegurar em Portugal as bases duma verdadeira democracia.

Tenhâmos esperança.

E se Bernardino, em toda a sua vida, foi desleixadamente pródigo de pequeninos gestos de lisonja e cumprimento ao povo que para ele arremetia impetuoso de entusiasmo — agora vae esboçar por ventura um gesto grande. Sem duvida, em breve, o governo decretará amnistia, sem ambages, nem restrições, aos presos implicados nos movimentos politicos insurreccionarios.

ANTONIO COBEIRA.



Novo ministerio

Foi emfim solucionada a crise ministerial. Encarregado de organizar ministerio, o sr. dr. Bernardino Machado comprometeu-se com acendrado patriotismo no desempenho do seu mandato.

Era intenção primeira de S. Ex.^a formar gabinete com elementos absolutamente extra-partidarios. Mas no estado politico da nossa nacionalidade, as dificuldades surgem, instante a instante, e o sr. dr. Bernardino Machado encontrou-as insuperaveis de tal modo que resolveu desviar caminho e por outros processos realisar o seu ideal de pacificação e conciliação nacional.

Depois de tentativas diversas, foi organizado ministerio com elementos politicos militantes, anexados a partidos, mas isentos de responsabilidades nas questiunculas que tanto teem irritado e exaltado os animos nos ultimos tempos.

O Governo propõe-se realisar uma politica puramente patriotica, politica de harmonia social e tolerancia maxima, politica generosa e firme que incuta confiança ao povo portuguez e imponha respeito ás nacionalidades estrangeiras.

O ministerio ficou assim organizado:

Presidencia, interior e provisoriamente negocios estrangeiros — Dr. Bernardino Luis Machado Guimarães.

Justiça — Dr. Manuel Joaquim Rodrigues Monteiro.

Finanças — Thomaz Antonio da Guarda Cabreira.

Guerra — Antonio Julio da Costa Pereira de Eça.

Marinha — Eduardo Augusto Neuparth.

Fomento — Dr. Aquiles Gonçalves Fernandes.
Colonias — Alfredo Augusto Lisboa de Lima.
Instrução Publica — Dr. J. de Mattos Sobral Cid.

Os novos ministros são já, mais ou menos, conhecidos dos nossos leitores, pelas suas capacidades de trabalho e brilhantes qualidades mentaes. Assim, do sr. dr. Bernardino Machado nada poderemos dizer que não se torne um pleonasmio impertinente. Nomeado, em 1877, lente da Universidade de Coimbra, eleito, deputado regenerador, em 1882, por Lamego, e em 1886 por Coimbra, e eleito em 1890 e 1894 par do reino pelo corpo catedratico da Universidade, ministro das obras publicas na situação Hintze-Ribeiro de 1893 — já com uma folha tão prestimosa de serviços e um futuro mais e mais prospero a esperar-o, a sua sinceridade impele-o de coração ao partido republicano onde conquistou, desde logo, uma grande posição de destaque.

Implantada a Republica, foi escolhido para ministro dos negocios estrangeiros do governo provisorio, eleito deputado por Lisboa á Assembleia Nacional Constituinte e eleito senador logo que esse corpo legislativo se desdobrou. Ultimamente, era nosso embaixador no Rio de Janeiro.

Dr. Manuel Monteiro, eleito deputado nas eleições suplementares, tem exercido com criterio cargos de confiança como seja o de governador civil de Braga.

Além disto, é vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Sr. Thomaz Cabreira é lente da Escola Politecnica, engenheiro e oficial de infantaria. Eleito deputado, e, ao depois, senador, muito dele se espera, pois é reconhecida a sua competencia nos assuntos de finanças a que se dedica em especial.

General Pereira d'Eça fez parte, como comandante da artilharia de guarnição, da expedição que partiu para Moçambique. Tem recebido varias condecorações taes como a de cavaleiro e oficial da Ordem de Aviz e a medalha das operações de Gaza em 1897.

Capitão de fragata Augusto Neuparth, engenheiro hidrografo, autoridade em questões de farolagem, tem seguido sempre uma carreira brilhantissima. Foi capitão do porto de Mormugão e desempenhou varias comissões de serviço em Africa.

Dr. Aquiles Gonçalves, eleito deputado á Assembleia Nacional Constituinte, tem feito parte da comissão de finanças da camara dos deputados e tem sido relator de varios orçamentos e vogal da Junta do Credito Publico. A sua opinião sobre finanças é sempre autorisada e bem aceite.

Sr. Lisboa de Lima, engenheiro distinto, tem prestado bons serviços nas nossas colonias que largamente conhece. Na Africa Oriental, a sua permanencia foi demorada e excepcionalmente proveitosa.

Dr. Sobral Cid é lente da Faculdade de Medicina. Filiado no partido regenerador, fôra eleito deputado, e numa situação Hintze Ribeiro nomeado governador civil de Coimbra. Ultimamente, occupava o logar de sub-director do manicómio Miguel Bombarda.

Sabedor, estudioso, inteligente, a escolha que dele fez o sr. presidente do ministerio para ministro da Instrução Publica, foi, em geral, recebida com aplauso.

Oxalá que o novo ministerio possa cabalmente desempenhar-se da missão difficil que corajosamente se impôs.



Rectificação

Na noticia publicada no numero antecedente desta revista, da chegada do sr. dr. Bernardino Machado, safu, por lapso, que, entre as pessoas que aguardavam a chegada do ilustre diplomata se encontrava o sr. dr. Vicente Ferrer como encarregado dos negocios do Brasil, quando este distintissimo advogado é vice-consul do Brasil, em Lisboa, e fôra ali como representante do sr. Lauro Sodré, gão-mestre da maçonaria brasileira. O sr. dr. Veloso Rebelo é que é o diplomata encarregado dos negocios do Brasil, em Lisboa, o qual foi a bordo do *Avon* dar as boas vindas ao sr. dr. Bernardino Machado.

Fica assim feita a devida retificação.



Dia de Festa

(Cliché Bobone)

Só



PARTI, sem ter ao menos a ventura
De te dar um abraço com ardor,
Que pudesse exprimir toda a amargura,
De quem parte deixando o seu amor!

O teu sorriso cheio de ternura
Fez-me lembrar uma formosa flôr,
Que se depõe na triste sepultura,
Em testemunho de imensa dor.

Afinal, meu encanto, minha vida,
Soou a hora da cruel partida,
E o nosso adeus foi só aquele olhar!

Infeliz de quem parte e vai sósinho,
Sem um beijo de amor, sem um carinho,
Sem um abraço á hora de embarcar!

Lisboa, 1913

Espinola de Mendonça.



D. ZOE BATALHA REIS

Exposição de pintura

Tem sido regularmente visitada a exposição de pintura, ha poucos dias, aberta, no salão Bobone, por D. Zoé Batalha Reis. Sobretudo, cumpre-nos exaltar os esforços benemeritos que essa distincta pintora e professora dedica ao bom entendimento e cultura da sua Arte no nosso paiz. Indubitavelmente, tem corrido, em muito, por sua iniciativa, com os seus modos corretos e prestigios do seu nome, para que a pintura seja, assim, no circulo elegante da nossa sociedade feminina, mais bem apreciada e compreendida.

Ano a ano, D. Zoé Batalha Reis, rodeada de suas discipulas, realisa a sua festa de Arte — e essa festa, que serve de estímulo sugestivo, confirma sempre, mais e mais, a sua competencia profissional e os altos meritos que a distinguem.

Por vezes varias, nas paginas desta Revista, aos seus talentos nos temos referido com justiça e é sempre com simpatia que lhe reservamos o nosso melhor acolhimento.

O certamen que nos começos deste mez inaugurou, não deixa no nosso espirito recordações tristes. E' claro que D. Zoé não pôde dar a incipientes a destreza de pintores experimentados, nem a momentos de vagares ociosos o frenesim divino do genio. Entanto, é louvavel a intenção.

D. Zoé Batalha Reis expõe varios oleos. Esse grande quadro — *Em dia de festa* — revela-se nos imediatamente por um toque sobrio, pela justiça do seu colorido e correção de traço. A figura que imerge dentre uma quasi desordenada exuberancia de frutas, é perfeitamente realzada de expressão e attitude.

Os — *Pecegos* — é um mimo de frescura. De leve nos faz recordar um episodio anedótico referido a um Pintor Antigo que ao expôr certo painel de maravilha, notou que as aves do ceu vinham gulosamente debicar as frutas, nele, bem ao vivo, desenhadas.

Impressiona esse comovido quadro — *As orphãs*. E delicia a contemplação desse fino estudo duma — *cabeça de mulher* — notavel pelo suavissimo da tonalidade. Além disto, D. Zoé Batalha Reis expõe varios retratos que são copias correctissimas de fotografias.

Entre as suas discipulas expositoras, algumas se distinguem pelas promessas esperançosas que deixam entrevêr. Elas nos apresentam pasteis varios e varios oleos, embuídos desse cuidado desvelado e carinhoso da professora distincta que dirigira os seus trabalhos. Como é natural que fizessem, pintaram naturezas mortas, flôres e frutos e esboçaram fisionomias. São apreciaveis alguns carvões de Mesdemoiselles Irene Balsemão, Fernanda Carneiro de Moura, Egreja Rodrigues, Maria Luiza Freire de Andrade, Nita Serpa Brandão e Tarujo Ferreira. Mademoiselle Nini Dotti evidencia graciosidade e talento nos seus — *Amôres-perfeitos* — Mesdemoiselles Maria Acciaioli e Ermelinda Alves da Silva aventuraram-se, com maior risco, a certas empezas, por certo, mais complexas, no — *Estudo do nu* — e no pas-

tel — *Sorrindo* — donde surgiram audaciosas e quasi victoriosas. Mesdemoiselles Aboim Fernandes, Luiza Arriaga, Virginia Granado, Joaquina Mayer Palmeiro, Alda Pinheiro, Paula Nisard, Julia Ribeiro, Clara Silva Telles e Amelia Vaz Ferreira revelam por vezes pericia e bom-gosto. Mesdemoiselles Clementina Carneiro de Moura e Maria Costa Cabral brincaram lindamente com o pincel. Por fim, é de justiça referirmo-nos com admiração aos meritos auspiciosos de Mademoiselle Maria Amelia Freitas Ribeiro.



Miniaturas

Carta a meu irmão Narciso

Inolvidavel amigo:

Tenho na minha frente um postal, bem simples que elle é, para te mandar. Uma

cas novas traziam de lá a teu respeito. Quasi ninguem dizia o que era feito de ti. Debalde quiz forçar esse-silencio magoadôr. Escrevi para os teus intimos e para os teus companheiros. Aproveitei quantas direcções me tinhas deixado. Em vão! Os meus postaes e as minhas cartas batiam a todas as portas onde havias passado. Mas encontravam-nas cerradas ou desertas.

Eram como lettras perdidas da palavra «Saudade» esse sentimento voluptuoso e calmo, essa taça de nectar e de fel, que tantas vezes saboreaste tambem.

Foi tudo em vão! Trago a alma de lucto, o coração envolto em crepes... Há já muito que me visto de negro — desde o dia em que reli as tuas ultimas palavras d'além-oceano De então para cá nem sei mesmo como vivo. Lembro-me constantemente de ti, meu querido Narciso.



TRECHO DA EXPOSIÇÃO D. ZOÉ BATALHA REIS NO ATELIER BOBONE

touça esguia de flôres, acompanhada da legenda, que tão bem lhe quadra: *Saudade é um mal de que se gosta, e um bem de que se padece.*

Comprei-o vae fazer um anno para Agosto, não me recordo bem onde, e tenho-o guardado com mil carinhos para um dia t'o fazer chegar á mão. E' um bocado da minh'alma, qualquer coisa do meu proprio sêr.

Recordas-te quando partiste para o Brazil?

Foi ha dois annos bem longos. Só pude vêr-te uns dias, rememorar em fugitivas horas o teu passado longinquo. Depois, desaparecêste. Nossos Paes, com os olhos marejados de lagrimas, lançaram-te a benção. Eu abracei-te por tôdos num apertado, estreitissimo abraço.

Disseste-nos adeus... até breve. Ficamos nessa esperança. Mas as tuas noticias, ao principio amiúdados, fôram rareando. Onde estarias tu? Perdido no interior da Amazonia, nesse paiz uberrimo e secundo, mas tão inçado de perigos? no turbilhão americano do Rio de Janeiro? Ninguem o sabia.

Os que voltavam dessas paragens pou-

Adeus. Se a Providencia consentir que leias estas linhas...

Abraços de todos nós.

Irmão dedicadissimo

MANUEL DA GRANJA.



Uma cantora portugueza

Hortense Fontana.

Esta distincta discipula da conhecida professora de canto Madame Mantelli, acaba de fazer a sua estreia no teatro Biando, de Palermo, no papel de *Micaela* da *Carmen*, com um enorme successo. O *Eco Artistico* de Palermo publicou o retrato acompanhado das seguintes palavras:

«E' uma bella revelação a sr.^a Ortensa Fontana que soube dar uma *Micaela* magnifica tanto como artista, como tambem pela sua linda voz. Foi muito applaudida, especialmente na aria do 3.^o acto.»

Os nossos parabens á sua professora Madame Mantelli.

PELO MUNDO FÓRA

Falleceu em Paris o *barão de Fonsco-Lombes*, que por muitos annos foi dedicado servidor do *Duque de Orleans*. Mostrou especial interesse pela familia real portugêsa nos dias 4 e 5 de Outubro de 1910, indo consultar sobre o seu destino os portugêses residentes naquella capital, e só descançando quando soube a noticia da chegada a Gibraltar do hiate, onde os exilados se haviam refugiado.

Falleceu em 19 de Janeiro em *Falmonth, Marlborough-road*, Inglaterra, *M. Charles Clift*, muito conhecido na nossa capital, onde viveu 30 annos, grangeando a estima e respeito de seus alumnos e de todos quantos com elle privavam, mercê da sua alta educação e fino trato. Durante 18 annos leccionou na *British Protestant School*, fundando depois o *Novo Collegio Inglês*, que esteve na Rua do Guarda-Mór. Mr. Clift cultivou a poesia com verdadeira inspiração e mestria, qualidade com que foi distinguido pelo rei *D. Luís I*. Algumas das suas producções foram publicadas no *Diario de Noticias*.

Em 1909 retirou-se para Inglaterra, na ancia de tornar a vêr a sua querida terra em *Cornwall*, em cujo seio dorme o derradeiro somno.

Um saudoso adeus ao mestre e amigo, e os sentidos pêsames a Mrs. Clift, sua dedicada esposa e tambem distincta profesora.

Uma estatistica curiosa publicada pela *União Internacional para a protecção da propriedade litteraria* diz-nos que a producção de livros no anno de 1912 foi a seguinte:

Allemanha, 30.153; França, 16.560; Inglaterra, 12.064; Italia, 11.294; Estados Unidos, 10.100; Hollanda, 3.800; Dinamarca, 3.532; Espanha, 2.778; Belgica, 2.403.

Portugal, como succede muitas vezes, não é contado, apesar de ser um dos paises onde a arte de *Gutemberg* se exerce com relativo desenvolvimento.

Deplora a Inglaterra a perda do grande astrónomo *Sir David Gill*, nascido em *Abedeu* em 1843 e que dirigiu o *Observatorio do Cabo*. Até 1872 trabalhou na officina de relojoaria de seu pae tendo desde a infancia revelado notavel propensão para a mathematica e para a astronomia. A' sua custa montou um observatorio, cujos trabalhos lhe deram fama de grande investigador. *Lord Lindsay*, que se consagrava ao estudo dos astros, convidou D. Gill para a direcção do seu observatorio, organizando a expedição á *ilha Mauricio* em 1874 para observar a passagem de *Venus*, e, conseqüentemente, determinar a paralaxe solar e avaliação da distancia do sol á terra.

Em 1877 organizou uma expedição á ilha da *Ascensão* para estudar o planeta *Marte*. O joven astrónomo empregou pela primeira vez o methodo que havia de dar a posição de Marte, com um rigôr ma-

thematico assombroso, comprovado mais tarde em observações sobre os planetas *Victoria, Iris, Sappho e Eros*. As suas investigações sobre a *parallax Sollar e Stellar* determinaram a *Royal Society* a dar-lhe em 1903 a medalha d'ouro.

Em abril de 1913 publicou a *Historia e descripção do Observatorio Real do Cabo da Boa Esperança*, abrangendo os trabalhos realizados de 1879 a 1907. Os seus estudos abrangem as determinações da *parallaxe solar*, da *Massa*, da *Lua*, de *Jupiter*, da *parallaxe da Lua*, da *geodesia da Africa do Sul* e *observações astronomicas*.

E' devido a Gill e ao almirante *Mouchez*, de Paris, que hoje possuímos a *carta celeste*.

William Herschell conheceu apenas o telescopio. A chapa photographica vae muito além; dá-nos a *carta astrophotographica* que nos mostra cem milhões d'estrellas, ou seja 50:000 vezes o que a olho nú poderemos ver numa noite clara. Essas cartas revelarão aos astrónomos as alterações que se venham a dar durante 10:000

annos, periodo assombroso para a historia humana, mas tracção desprezível de tempo na duração do *Universo*.

Sir D. Gill combateu a theoria de *Lowell* ácerca da existencia dos *canaes de Marte*, gloria dos engenheiros marcianos.

Paul Déroulède, o grade poeta e orador popular, uma lidima gloria da França, morreu ha dias em *Nice*. Nasceu em 2-9-1846. Era sobrinho de *Emile Augier* e neto materno de *Pigault-Lebrun*. Não admira portanto que o theatro o attrahisse: aos 20 annos estreava-se.

Entrou nos combates de *Sédan* com seu irmão *André*, ficando prisioneiro dos prussianos. Evadiu-se de *Breslan*, entrando a seguir na campanha do *Loire* e contra a *communa de Paris*. As impressões da guerra inspiraram-lhe os volumes populares: *Chants du Soldat* (1872) e *Nouveaux Chants du Soldat* (1875) coroados pela *Académie Française*.

Exposição de fotografias de Marques Abreu, no Ateneu Commercial do Porto



VOLTA DO TRABALHO
(Cliché Marques Abreu)

Por ocasião da exposição de 1878 publicou o hymno *Vive le France*, que foi posto em musica por *Gounod*, e, em 1880, um drama em verso, *La Moabite*.

A celebridade das suas obras e o desejo de defender efficazmente as suas ideias patrioticas levaram-no a lançar-se na politica, tendo sido deputado por varias vezes.

Fundou em 1882 a *Ligue des Patriotes*. Em 1898, sendo deputado, distinguio-se pela maneira violenta como atacou *Dreyfus*, a quem mais tarde se fez justiça, graças aos ingentes esforços de *Zola*, *Picquart* e *Pressensé*, que precederam no tumulto o temível adversario, cego de patriotismo.

Em 23 de Fevereiro de 1899 realisou-se o enterro de *Felix Faure*, e *Déroulède*, desgostoso com a politica então seguida, pretendeu arrastar o exercito a ir ao *Elyseu* e derrubar a republica parlamentar. Mal succedido, é preso e absolvido, mas o ministerio *Waldeck-Rousseau*, em Agosto, accusa-o de attentar contra a segurança do Estado, pelo que o Supremo Tribunal o condemna a dez annos de desterro, com *Marcel Habert*, *Guérin*, *André Buffet*, etc., indo residir para *Buffet*.

Perdoado pelo Presidente da Republica, em 1905, não quiz regressar a França se não depois da aprovação da lei de amnistia de 2 de novembro d'aquelle anno, sendo entusiasticamente acolhido pelos seus partidarios.

Appareceu em publico pela ultima vez a 7 de Dezembro do anno passado, na romaria de *Champigny*, onde nunca falta, para commemorar a morte dos soldados francezes que se bateram para defender a integridade da sua patria, *Déroulède* sentiu-se animado sempre pela ideia da *revanche*; foi ella o mobil da sua obra litteraria e politica. Para o confirmar bastam os titulos de seus livros: *Marches et souvenirs* (1881), *Chants patriotiques* (1882), *De l'education militaire* (1884), *Le Premier Grenadier de France*, *La Tour d'Auvergne* (1886), *Le Livre de la Ligue des Patriotes* (1897), *L'Histoire d'amour* (romance), *Le Désarmement* (1891), *Chansts du Paysan* (1894), etc.

O intemerato luctador contra a oppressão resultante da guerra de 1870, o infle-

Exposição de Fotografias de Marques Abreu, no Ateneu Comercial do Porto



CEIFADORA (MINHO)
(Cliché Marques Abreu)

xível orador das tradicionaes peregrinações de *Champigny* não assistiu á vingança dos heroes seus irmãos, que continuam esperando por uma França maior, com a sua bandeira a tremular em *Mitz*, *Colmar*, *Straburgo*, *Mulhouse*...

Os *bonapartistas* batem as palmas de contentes pelo nascimento d'um descendente legitimo do grande imperador.

De facto, a princesa *Clementina da Russia*, casada com o principe *Victor Napoleão*, deu ha pouco á luz em Bruxellas um robusto menino — o principe *Luis Jeronymo Victor Manuel Leopoldo Maria*, que

descende do rei *Jeronymo Westphalia*, irmão de Napoleão I.

Este novo Napoleão vem a ser um dos principes mais ricos da Europa. Sua mãe herdou mais de 4:000 contos do rei *Leopoldo*, seu pae, e vem a herdar uns 3:000 de sua tia, a desventurada imperatris *Carlota do Mexico*. E' tambem o herdeiro de seu tio *Luis*, o detentor da importante fortuna da *princesa Mathilde*, filha do rei *Jeronymo de Westphalia* e neta do rei *Guilherme I do Winttemberg*. Junte-se a estas bagatellas a enorme riqueza da imperatriz *Eugenia* que ha muito declarou que o filho mais velho do principe *Victor* havia de ser o seu herdeiro universal. Napoleão III não reinou em vão dezoito annos. A sua viuva dispõe de immensa riqueza. Tudo isto, e mais o nome do homem que dominou a Europa e assombrou o mundo, deve certamente causar indescriptivel delirio entre os *bonapartistas*, dispostos á conquista do throno imperial, se para tal der licença o sr. *Presidente Poincaré* ou os seus illustres successores...

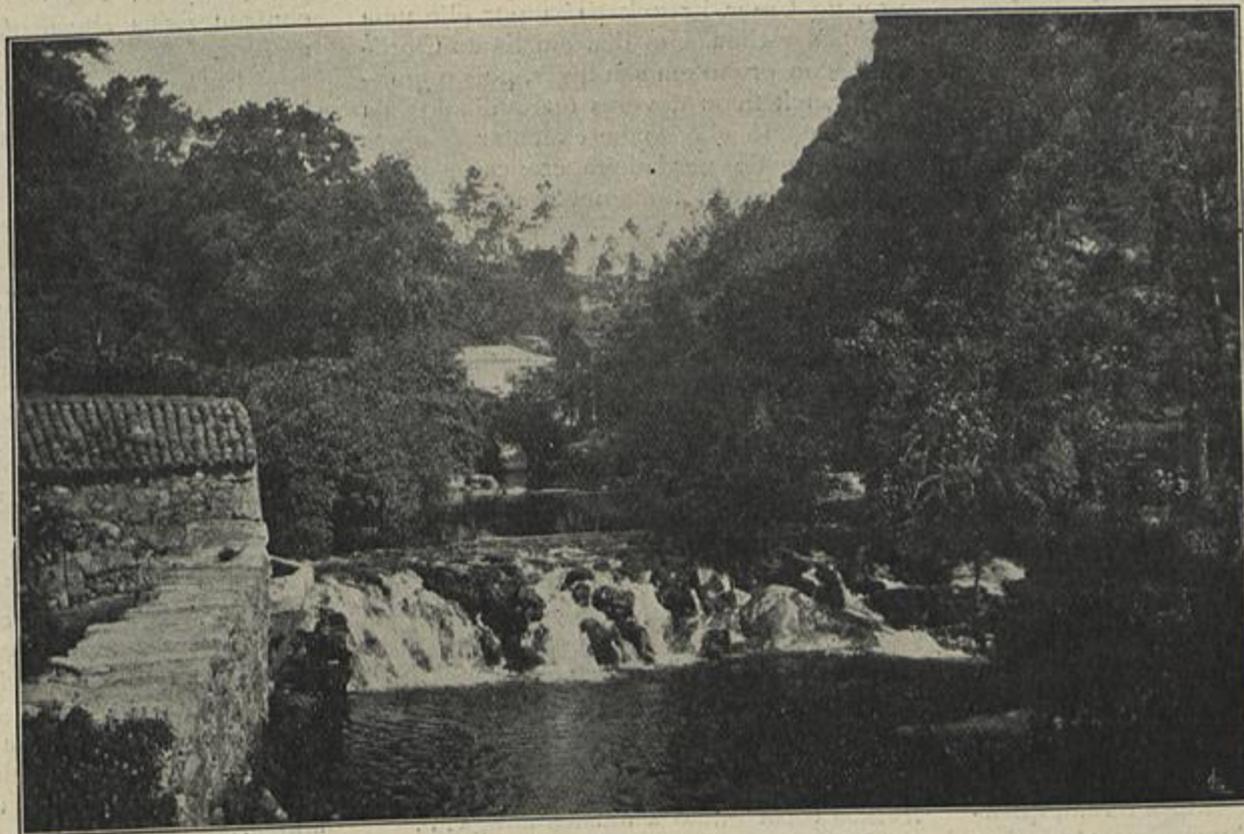
D'entre os portuguezes que no estrangeiro honram a nossa patria, queremos especialisar agora o nome da illustre escriptora *D. Alice Pestana (Caiel)*, que durante annos enriqueceu a nossa litteratura em valiosos volumes e que ha muito vive na capital da Espanha, transmittindo ao *Diario de Noticias* amiudadas e curiosas chronicas de

alto interesse litterario e scientifico. O nosso intento agora é tão sómente assignalar o esforço desenvolvido pela nossa intelligente compatriota numas *Oposiciones* (concurso) para o logar de professora de *francês* das classes de adultos das *Escolas Nacionaes de Madrid e de Barcelona*, em que 14 logares eram disputados por mais de 160 candidatas.

O seu talento e porfiado estudo grangearam-lhe a aprovação no referido concurso, e nomeação para uma das cadeiras de Madrid. E' um verdadeiro triumpho, que honra o nosso paiz na pessoa da sr.^a *D. Alice Pestana*.

A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Exposição de Fotografias de Marques Abreu, no Ateneu Comercial do Porto



UM TRECHO DO RIO ESTE EM GONDIFELOS, CONCELHO DE FAMILIÇÃO

GADO EM LIBERDADE
(Clichés Marques Abreu)

Acêrca da formosa Exposição de Fotografias realizada por Marques Abreu no Ateneu Comercial do Porto — já pessoa autorizada dissertou, no ultimo numero desta Revista, com proficiencia. Para dar ao leitor mais completa a impressão do que essa magnifica Exposição na realidade foi, damos á estampa, gostosamente, mais algumas dessas fotografias — verdadeiros primores de Arte.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

I

A CREMALHEIRA DE MUSICA

(Continuado do numero antecedente)

— Se não houvesse sempre a má lingua, semelhantes coisas não se acreditariam.

— Apenas repito o que todos dizem...

— E é a tua grande culpa. Para a sr.^a Cozan, que é tua amiga, deverias guardar o silencio.

— Nada perdes, qualquer póde sentir por ti uma paixão.

— Não é de mim que se trata, um homem nada tem que temer d'essas coisas. Mas é necessario que uma mulher honesta se defenda contra semelhantes insinuações. Quaes as armas que ella possui? Nenhum homem ella tem a seu lado.

— Que maneira de falar! Uma brincadeira da minha parte.

— N'estes assumptos não ha brincadeiras, são palavras que sempre ferem, quando é uma rapariga d'uma alma tão nobre e d'um coração tão puro.

— Bem, muito bem! Gostei da ultima phrase. Já Richepin dissera, no primeiro acto do seu *Caminheiro*...; vamos, não vos zangueis por uma palavra que eu retiro.

Lescourias procurava despertar o riso nos assistentes, mas encontra uma atmosphera pouco favoravel ás suas graças. Mas o que levou mais Fombrouse a fallar assim, foi notar qua ha tempos Lescourias não via com bons olhos o valor do pianista.

Mangrisse, no piano, tocava o seu *Drama rustique*.

Aubernon conversava com Fombrouse; já ha muito tempo não se encontravam. Lescourias aproximou-se para desfazer um pouco a má impressão de ha momentos.

— E Lenair?

— Está em Orleans, organista da cathedral.

— Um renegado, respondeu Lescourias, está feito critico, talvez para se vingar nos outros das pateadas que os seus trabalhos apanharam.

— Que é feito de Casalieu? Tinha um certo valor.

— Vejo-o ás vezes, é d'uma modestia extraordinaria!

— E Saint-Aubin?

— Está professor, como Estorneau.

— Lembra-se ainda, Aubernon, d'um musico cego? Chamava-se... Wal... Walfrom.

— Walfrom Walter.

— Sim.

— Toca orgão em uma pequena igreja lá para os lados das barreiras, a S. Germain de Charonne...

— Ah! um famoso artista! disse Lescourias, deverás estar lembrado, Fombrouse, de te ter fallado n'elle. Toca divinamente, parece que os sons do orgão se elevam em um crescendo mystico. A *marcha funebre* de Chopin e um thema dos

Nibelungen, são momentos que nunca poderão ser esquecidos.

— Tu mesmo pediste para eu procurar, de saber o nome d'elle. Não me admiro do teu espanto. E' uma das mais nobres figuras musicas que tenho conhecido. O proprio Cesar Franck tinha por elle uma especial estima. Um dia, em Santa Clotilde, tocou orgão em seu lugar, pois o grande Franck ficou deveras maravilhado pela forma como elle soube executar as obras profundas de verdadeira crença, e disse: «Em Beethoven tinhamos o surdo, n'este temos o cego.»

— Que pena! Gostava de o vêr...

— Acompanho-te, se queres, disse Lescourias.

— Da melhor vontade, um dia, a um domingo, á sahida da missa.

Mangrisse continuava a tocar obras diversas para Marseau, Keradeve e Dunière que o rodeavam, quando de repente ouviram fortes pancadas no tecto e na parede.

— Que horas são?! perguntou Lescourias,

— Meia noite.

Lescourias abriu a janella, e fallando para o pateo, disse:

— Ainda agora é meia noite e os meus queridos visinhos não estão contentes! Então não gostam da musica moderna?! Iremos tocar então a musica antiga...

Varias injurias serviram de resposta ao discurso.

— Apenas uma *berceuse* para responder á amavel sociedade.

Lescourias, deixando a janella, foi tocar no piano uma polaca de Liszt, martelando-a com força.

— Meu pobre Lescourias, disse Fombrouse, amanhã és posto fóra.

— Melhor! Servirá de reclamo á nossa gloria.

Os visinhos acharam melhor calarem-se. Então Lescourias, parodiando a phrase de Mepistopeles na *Damnação de Fausto*, cantou:

«Pois bem, visinhos, estou contente com todos.»

e fechou a janella.

II

MULHER DE THEATRO

Junto a uma janella, Anna Le Cozan percorria com a vista as cartas que Maria José lhe pozera em cima da mesa.

Estava um lindo dia de outomno, o pallido sol dourava a cupula dos Invalidos, era um d'esses dias em que a atmosphera annuncia o proximo inverno.

Anna rasgou um envelope com o carimbo da *Opera Comica*.

— Ainda 'outra?! E' já teimosia!

O artigo do *Menestrel*, assignado por Destalbert, tinha feito ruido no mundo lyrico. Todos os jornaes fallaram de uma *estrella rara para o theatro* e o nome de Cozan era lançado por todos os grandes criticos. Anna Le Cozan não fazia caso d'estes artigos e apenas pensava em preparar o seu repertorio para os concertos de inverno. Depois de ler bem a carta, viu que o papel de *Orfeo* entrava no repertorio.

— Quem sabe... talvez alcançasse a tranquillidade tão desejada.

Anna Le Cozan sentu-se triste, olhando para aquelle meio que a rodeava, onde havia tanta coisa da sua infancia, da sua casa paterna, os olhos encheram-se-lhe de lagrimas.

Maria José, vindo arrumar a casa, encontrou Anna abysmada nos seus pensamentos.

— Então a senhora não se veste hoje? E' quinta-feira...

— O que é?

— Os pequenos Steinbaum almoçam hoje cá.

— E' verdade...

Os pequenos Karl e Franz como não tivessem collegio foram almoçar com a artista, o que era sempre uma alegria para elles. Mas Cozan estava tão triste que nem os pequenos lhe causavam alegria, como era costume.

Quando estavam á mesa recebeu uma carta da menina Carbranches, que dizia assim:

«Minha boa Anna, Pessoas das nossas relações enviaram-nos um bilhete de camarote para a Opera, canta-se a *Walkyria* com Guybert e Salviane, meu pae pede-me para lhe dizer que tinha muito gosto de a ver aqui comnosco, conto que dirá que sim, não é verdade? Mauricio estará tambem. Receba um beijo da sua amiga.»

«Serafina»

— Tem alguma coisa, Anna?! perguntou Karl.

— Um convite que não posso acceitar, sinto-me doente.

— Está doente? Vou dizer ao papá, elle cura tudo.

— Maria José, diga que estou doente, não... não... dê-me o tinteiro e uma canêta

— Então não quer ir ao theatro? Ah! está gravemente doente?

Anna sorriu-se da innocencia.

— Pobre pequeno! dizia ella abraçando-o.

Quando Fombrouse chegou á Opera a representação começára. Cumprimentou as Carbranches, apertou a mão ao general assentando-se depois atraz de Serafina. Na semi-obscuridade da sala, o vestido branco decotado deixou ver o peito, os hombros e os braços d'uma brancura de jaspe.

A *Walkyria* não corria com bom exito, os cantores mal ensaiados não davam á musica o effeito devido. A orchestra indecisa estropiava todos os *leit motivos*. Mas o publico que ia alli para tudo menos para ouvir musica applaudiu com grande entusiasmo.

Quando o panno desceu, Fombrouse disse:

— Que virá esta gente aqui fazer?!

— Mostrarem-se uns aos outros, disse Serafina olhando para Fombrouse com aquelle olhar amoroso de Siègmundo para Sièglinde.

— Eis a elegancia mundana! A classe média sabe ouvir melhor. O *Thomas de Granidarge* de Taine tinha razão nas suas opiniões dos espectaculos.

— Mas é para elles que o senhor trabalha, disse o general.

— Oh! não para elles, apesar de serem os nossos juizes!

(Continúa.)



D. CAROLINA PALHARES



D. MARIA E. PINTO RODRIGUES

Uma apresentação no salão do Conservatorio de Lisboa

(Impressões)

São para nós tão raros, em tempos que vão correndo, os factos que por sua natural essência hajam de nos acariciar a alma com a suavidade das boas impressões que produzam, que dá consolação rememoral-as; pois que n'esse recordar revivem e se alentam as bemfazejas impressões que por momentos nos isolam d'este meio, arido e frio por uma parte, e por outra irrequieto, tumultuoso e incerto, que desde ha muito nos oprime.

Para a numerosa e selecta concurrencia, que, em uma das tardes do fim da primeira semana d'este fevereiro, encheu por completo galeria e salão do Conservatorio de Lisboa, para assistir á *matinée*-audição da ex.^a sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues, dilecta discipula da professora que a apresentava a ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Palhares, para essa concurrencia, direi, não estará já extinta a impressão produzida por aquella deliciosa *matinée*, e quanto eu pudesse escrever aqui no sentido de fazer reviver as impressões então produzidas ficaria muito áquem das sensações de encanto que por certo experimentaram.

Durante o tempo da expectativa adejava n'aquelle ambito a impressão de uma attenciosa curiosidade, que naturalmente conciliava e impunha o nome da apresentante, a professora Palhares, sabida e reconhecida a sua probidade e competencia na especialidade d'estes assumptos d'arte.

Em um já esperado momento, dando ingresso pela porta especial de serviço, vem occupar o tabolado professora e discipula: fez-se um silencio profundo, e deixem-me dizer, apesar de paradoxo, um silencio eloquente. Ha silencias que aterram, que oprimem, e outros que afagam, consolam ou deleitam, e aquelle de que deixo feito o registo, expressão de centenas de boas vontades convergindo sobre um ponto, que no momento da apparição lhes despertou a sympathia, todas essas boas vontades condensaram em volta da debutante um ambiente de alento e confiança, que fortalecia os que lhe souberam inspirar o talento e o carinho da professora.

A debutante, se posso designal-a assim, sentia a responsabilidade do momento; firme no seu posto, lia-se-lhe no entanto na palidez do rosto, mas aquelle todo tão modesto, tão despretenho-

so, tão harmonico, bastou-lhe apresentar-se para ganhar de prompto uma cordeal sympathia.

D. José Bonet, ao lado direito da professora que se conservou sempre em pé, sentou-se ao piano, preludiou os primeiros accordes do acompanhamento, e a debutante desde as primeiras notas do *rondó* da *Somnambula* soltas com firmeza e proferidas com confiança como que firmou uma promessa de exito, promessa a que, em toda a execução, em nada faltou.

No *rondó* da *Lucia de Lamermour* e na *scena e aria* da *Loucura do Amleto* não foi menos correcta nem menos feliz em execução, sentimento e intuição artistica.

No fim de cada partitura os applausos explodiam expontaneos em um crescente entusiasmo: tudo quanto de bem elles exprimiam excluia a presumpção de favor ou condescendencia. As palmas tributadas á sr.^a Pinto Rodrigues foram merecidas a justo titulo.

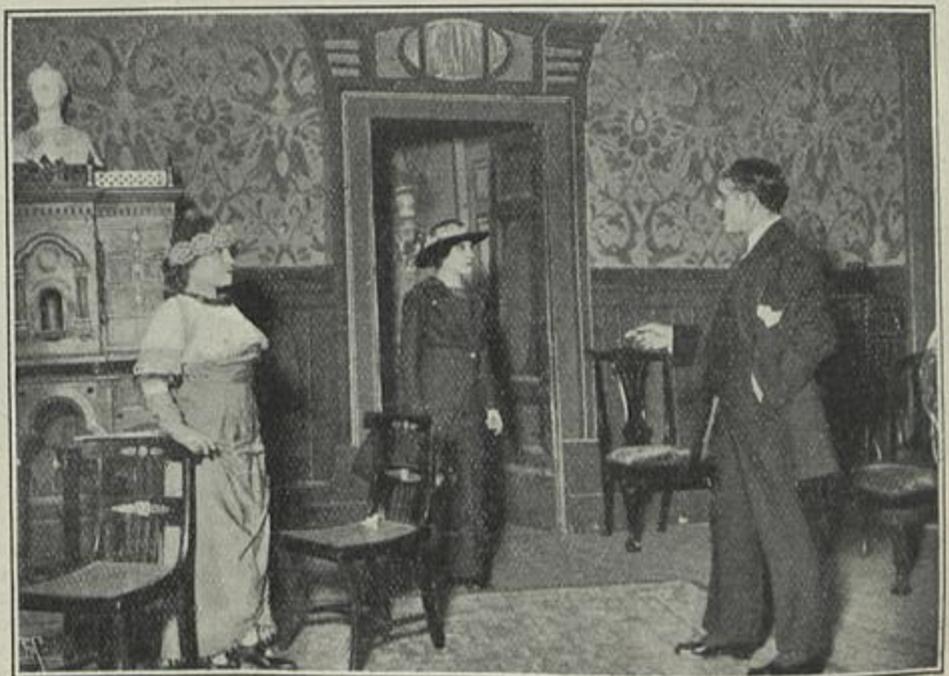
Como correctivo á magua do muito que por ahí ha de mau, valha-nos a consolação de reco-

nhecer que nos dominios da arte não ha entre nós a falencia, como a respeito de muitas outras cousas e pessoas; e ouço afirmar como verdade que uma das melhores medidas do estado de civilização de um povo está na perfeição do modo porque cultiva, produz e constroe os seus monumentos d'arte; e na essencia é alma dos artistas que os constroe e produz.

Para aquelles, e serão muitos, dos leitores d'O OCCIDENTE que não assistiram á audição que faz o assumpto d'estas impressões, importa completar esta noticia, informando que a sr.^a Pinto Rodrigues é uma menina de dezenove annos, com toda a ingenuidade e candura proprias da juventude, e que a sensibilidade da sua alma é proporcional á delicadeza, pureza e extensão da sua voz.

O registo d'essa voz é de um soprano ligeiro, não d'esses sopranos chamados vulgarmente brancos, mas de um soprano quente, vivo, inteligente e colorido.

E' um fio de voz bem timbrado e cristalino, limpo desde os graves, em toda a sua extraor-



Palmira Torres

Carlos Santos

TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT

A VIRGEM LOUCA—2.º ACTO

dinaria extensão, que vence sem esforço, sem deslizar no menor desfalecimento tanto nos movimentos ascensionaes como descendentes, em que não se presente a mais leve solução de continuidade.

D. Carolina Palhares sabia muito bem até onde chegava o talento d'esta sua predilecta discipula, e sabia que apresentando-a n'aquella audição lhe abria as portas do futuro.

Que uma propicia estrella a norteie e guie nos accidentes da vida para que se prepara, porque os caminhos a percorrer são por demais difficeis, asperos e escabrosos.

SILVA MATTOS.

Pelos teatros

Nacional

Virgem Louca — peça em 4 actos de Henry Bataille. Trad. de Amadeu Cunha

Assistimos, no Teatro Nacional, á primeira representação da peça de Henry Bataille — *Virgem Louca*. A impressão que dali trouxemos, ainda hoje perdura, comnosco, bendita e consoladora. Não, que a representação fosse excepcionalmente optima... Todavia ela seria, melhor do que esperavamos, correta, e por vezes habiamente apropiada.

E' que no desenrôlo desta peça, as situações chegam a ser de tal modo empolgantes e o dialogo conciso e fino tão habiamente conduzido, que a nossa curiosidade alvoroçada desdenha minucias e vai irresistivelmente presa no fio do enredo e observação dessas almas, diversas de indole e ligadas na mesma dôr, surpreendidas com delicadeza na vida e transportadas para a scena com flagrante realidade. E' o amôr supremo e o dever tradicional e convencional da sociedade, que Henry Bataille põe ali em contraste e em luta. Propriamente, o autôr não pretende defender tese. Os factos succedem-se, os sentimentos entrechocam-se, as ideias combatem-se resolutamente. O publico encarregar-se-á de fazer, a seu aprazimento, o comentario adequado. Na scena, todos se defrontam com nobreza e digni-

dade, e corajosamente assumem as responsabilidades das suas acções.

Admiravel!

Os artistas procuraram equilibrar-se na situação difficil que os seus papeis impunham. Augusta Cordeiro foi entusiasticamente aplaudida no fim do 3.º acto. Palmira Torres interpretou com intelligencia a psicologia delicadissima de Diana de Chance.

Carlos Santos, Augusto de Mello, Antonio Pinheiro e Luis Pinto seguiram corretamente.

Uma pleiade romantica

Correm os tempos e as ideias modificam-se. Ficar acorrentado a um principio é um estacionamento de vida, uma cristalização mental perfeitamente inadmissivel.

Le monde marche, dizem os francezes, e é uma grande verdade que a intelligencia mais limitada, sem esforço, compreenderá e que, a todos os momentos, tanto na ordem moral como na ordem fisica, se confirma plenamente.

Veja-se a planta como, em periodos successivos, se transforma; hoje, semente; amanhã, arbusto; no dia seguinte, arvore coberta de flôr e ornada de frutos.

Observe-se o espirito humano; no presente, uma aspiração; no passado, uma realidade; no futuro, uma nova concepção. É grande virtude a daquêle que, esta fatal mutabilidade, bem compreende e, sem relutancia, aceita.

Assim, dará a conhecer que, sabiamente, encara a vida e, dalgum modo, prepara a felicidade.

Em contrario, o homem será um revoltado e um vencido.

Isolado no meio de todos, deslocado, é uma victima sem conforto, expirando em profundo desalento. Acima do pensar e do sentir pessoal, a evolução necessaria, irrevogavel das cousas e, assim e só assim, será exequivel a vida. Mesmo, porque precisamos ser coerentes, transigir, para reconhecer, na aurora, os mesmos direitos do ocaso.

Os que despontam, anima-os, o desejo e a necessidade de cumprir a sua missão com o mesmo imperio com que os que tendem a desaparecer cumpriram ou deviam ter cumprido a sua.

Os três estados de Comte não são uma utopia, mas uma realidade que se harmonisa com a razão e se verifica com a historia. Definem um trabalho progressivo do espirito humano, uma psicologia das sociedades que, muito naturalmente, se vão libertando do rudimentarismo primitivo. Como a ave que, implume, reside no ninho e tem vida passiva; revestindo-se de penas, tenta as azas e, finalmente, se lança em largo vôo, assim a humanidade.

Na sua infancia, obedece; na juventude, prepara-se para a emancipação que realisa na virilidade.

E' o evoluir naturalissimo, base de todo progresso.

Manifestam-se, esses três estados, respectivamente, nas três grandes revelações sociais: *politica, sciencia e arte*: — absolutismo, constitucionalismo e democracia; — teologia, metafisica e positivismo; classicismo, romantismo e realismo.

No primeiro, predomina a sujeição em presença do despotismo monarquico, da supremacia sacerdotal e da autoridade do mestre; no segundo, desenha-se a aspiração da independencia nas fórmulas atenua-



FESTA DE ARTE DO CENTRO ESPANHOL, NO THEATRO DE S. CARLOS — OS COROS QUE CANTARAM A JOTA ARAGONESA

Realizou-se com entusiasmo no Teatro de S. Carlos uma Festa de Arte, promovida em favor do cofre de beneficencia do Centro-Espanhol. Numerosamente concorrido pela colonia, esse elegante teatro de opera oferecia um lindo e animado aspeto. A assistencia feminina dava-lhe um tom de admiravel beleza e luxuoso requinte. Representou-se uma comedia, em verso, num acto, original de D. Thomaz Rubi, interpretada por D. Pepita Martinez e D. Francisco Vigo, D. Angustin Martinez, D. Domingos e D. Eduardo Regoyos. D. Prudencio Morales de los Rios cantou admiravelmente a canção hungara da «Alma de Dios». A zarzuela «Meterse em honduras» musica de Rubio, foi habiamente desempenhada por D. Laura Duran, D. Carmen Alvarez, D. Francisco Vigo, D. Angustin Martinez e D. Fernando Godoy.

As canções hespanholas, «La ceñadora», e «La vendedora de moras» foram deliciosamente moduladas por D. Laura Duran e D. Carmen Alvarez, D. Eduardo Morales de los Rios, D. José Rolze fizeram um bello desempenho do segundo acto da zarzuela «Bohemios». A seguir D. Miguel Gomez disse com fervôr o monologo patriotico, «La bandera». Lindas canções hespanholas como «La pena» e «Mi pobre», foram cantadas por D. Carmen Alvarez e o espectáculo finalisou, num borborinho enorme de entusiasmo, com bailados e garganteados da «Jota» aragoneza.

das do poder rial, do dominio teocratico e da influencia da escola; no terceiro, proclama-se a liberdade moral no regimen democratico, no sistema racionalista e na observação natural.

Em litteratura, que é uma das mais belas manifestações da arte, teremos o elemento *classico* de velhas e honrosas tradições, cuja origem se perde na Hélade e no Lacio e, em longa vida de séculos, conta os irrepreensíveis na fórma embora circunscritos na ideia; o elemento *romantico* de procedencia moderna, de vida efemera, exteriorisando-se em produções de espiritos superiores que, semelhantes a astros fugazes, depressa se eclipsaram legando, todavia, o seu rasto de luz e o elemento *realista* de actualidade, de feição gaulêsa, flaubertiana, impondo-se como ultimo vestigio de escola e tendo recebido a homenagem de vultos de reconhecido merecimento.

Não simpatisando com o exclusivismo, antes seguindo um meio termo que nos parece sempre o mais sensato e coerente, abandonando, portanto, a intolerancia classica e a licença realista que nos conduzem á obstinação discutivel, prestemos, neste momento, modestissima homenagem a seis escritôres romanticos cuja memoria será perduravel pelos belos traços das suas penas de ouro.

E' uma pleiade rutilante em nosso firmamento litterario. Nos jardins da poesia e do romance, colheram preciosas flôres, legaram-nas solícitos, guardemo-las com o merecido apreço e enternecido affecto.

Dois, desses escritôres, são brasileiros. Que importa?

O Brasil é portuguez. Fomos nós que o descobrimos, que o colonisámos, que lhe demos lingua, religião e leis. Pertenceunos durante séculos. E' um filho que se emancipa mas que, por isso, não deixa de ser filho, nem tão pouco perde o amor do berço. Não esquece a mãe patria, ama-a, dedica-se-lhe com o mais sincero interesse. Connosco, reparte os seus recursos e, hospitalidade, nos oferece, boa e generosa. O estro que anima os seus poetas é como o sangue que lhe corre nas veias, lusitano; não rejeita essa particularidade, antes a aceita orgulhoso e, orgulho deve ter, quem, do forte, se formou.

Manuel Antonio Alvares de Azevedo, de S. Paulo, e Antonio de Castro Alves, da Bahia, são os dois dilectos das musas das Terras de Vera-Cruz. Em ambos, madrugou, cedo, a revelação litteraria. Crianças, vibram as cordas da lira mimosa, sentimental que os ha de celebrar. De vida curtissima, derrubados, em plena juventude, por essa terrivel doença que não perdôa, a tuberculose, precisaram realizar, depressa, a sua obra.

De facto, no curto espaço de meia duzia de anos, empregados, em parte, em estudos de direito, produziram primorosos trabalhos que, embora se sintam da precipitação e da leveza dos poucos anos, são magnificos produtos de um lirismo encantador.

Muito para lamentar, foi, que esses potentes espiritos de tanta inspiração, inteli-

gencia e analyse, preparados com uma cultura academica e litteraria distinta, residissem em tão frageis corpos que, não só por origem, como por impulsos de paixão não refreada, fossem vencidos pelos embates do mal que, tão cedo, os arrastou ao sepulcro. D'aí, a melancolia que se nota nos escritos de ambos, que sentindo-se entenebrecidos pelas sombras da morte, arrastam tristes dias, procurando, nos excessos de uma sensibilidade doentia, o esquecimento de um fim proximo, além da satisfação rápida de efémeros desejos.

Em Alvares de Azevedo, nota-se um dualismo que, ora o faz crente, ora sceptico; ora sóbe aos páramos da espiritualidade, ora, como águia ferida, desce ás regiões do grosseiro materialismo da *Noite da taberna*. E', por vezes, de uma incoerencia censuravel, que só se justifica por um tumultuar de emoções dos vinte anos que, tão depressa, lhe douram a existencia com os alvares da primavera, como lha enegrecem com as tintas do outono. Luta entre a vida e a morte, o sorriso e a lágrima, a esperança e o desalento!...

Castro Alves é menos desigual, equilibra-se mais sereno. A sua alma, talvez, mais viril, abre-se a sentimentos humanos e de justiça, como os da emancipação dos escravos e os da exaltação do missionario, esquecido nos seus trabalhos de tanta benequerencia.

Tem paginas soberbas nas *Espumas flutuantes*, onde, em estancias inspiradissimas, devaneia pelos mundos do coração, esse misterioso sacrario dos mais variados e caprichosos sentimentos.

Ao amôr, ao grande têmea, dedica, o poeta, as melhores fibras da sua alma. Faz, por vezes, a apologia da sêde insaciavel do gôzo que o enlouquece e mata. Perpassa, pela mente febril, as heroínas dos seus delirios e divaga á mercê da paixão que, nem sempre, o materialisa mas lhe acorda, tambem, sentimentos puros. Espirito abrasado no fogo duma mocidade livre, insubmissa, na propria chama, se consume, deixando-nos a convicção de um grande talento que não soube deter-se no declive dos desvarios a que pagou, com a vida, o fatal tributo.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.

Uma Exposição de Frutas

Nos ultimos dias realizaram os horticultores do Porto, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, uma exposição de frutas nas grandes montras do estabelecimento *O Ultimo Figorino*, na rua Garrett, exposição que, pela beleza dos frutos que apresenta, tem chamado a atenção do publico de Lisboa naquela principal arteria da cidade.

Os magnificos exemplares expostos de peras, maçãs, toranjas, laranjas, tanjerinas, limas e limões, são produtos dos grandes viveiros que os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos têm em Grijó, Perosinho e Gaia, e que são dos primeiros do país, não só pela variedade das especies mas tambem pela largueza das culturas que habilitam esta casa a fornecer otimas plantas e sementes para todo o país, como já aqui referimos por ocasião das exposições que o ano passado os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos realizaram na Associação Central da Agricultura Portugueza, onde obtiveram os primeiros premios.



MARIANO GRACIAS

A Biblia do Amor

POR

Mariano Gracías

Com uma captivante dedicatória, acaba o distinctissimo poeta, sr. Mariano Gracías, de nos oferecer este soberbo livro de versos. De sobejo conhecido dos leitores da nossa revista, pois o mimoso poeta já nos tem honrado com a sua brilhante collaboração. Mariano Gracías deve contar-se como um dos mais inspirados cultores da poesia. Ha annos — aquando da publicação de um outro livro seu — tambem de versos — *Saudades de Portugal* — o signatario d'estas linhas teve o grato prazer de a elle se referir com palavras elogiosas para que hoje as repita, embora a sua opinião de então prevaleça.

A carta do conhecido e vibrante pamphletista d'*Os Gatos* — Fialho d'Almeida — e que Mariano Gracías insere n'*A Biblia do Amor* — é o melhor attestado do seu talento, visto saber-se o quanto Fialho era parco d'elogios.

Referindo-se o mallogrado estylista da *Vida Ironica* ao poemeto *Regresso ao lar* — que vem incluido n'este novo trabalho poetico de Mariano Gracías — escrevia elle:

«... O poemeto que V... me remette, é, porém, a melhor obra da sua inspiração e talento, e felicito-me do achado, porque elle marca, decerto, o inicio d'uma carreira d'artista modelar...»

Os versos são de um rythmo suave e alguns têm um tom levemente ironico que agrada.

Não resistimos á tentação de transcrever da sua *Biblia do Amor* o seguinte primôr:

Miss Mary

E' linda como os amores!
Nunca vi uma criança
De côres tão primorosas,
De tão primorosas côres!
Olhos da côr da esperança,
A bôca de vivas rosas,
Rosas — rainhas das flôres!

Na face branca transluz
Sangue puro em róseo brilho!
Cabelos: fios de luz!

.....
Linda noiva p'ra meu filho.

Agradecendo a gentileza da lembrança, inserimos o retrato de Mariano Gracías acompanhando-o com estas modestas palavras de louvor a que tem jús como primoroso poeta que é.

XXII—1—CMXIV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Jamais uma creatura humana foi ou será comprehendida por outra. Quando muito e á força de habito, paciencia, interesse, amizade, estas se acceitam ou se toleram. — (*Taine*).

Regresso do Sr. Patriarca a Lisboa



TE-DEUM NA SÉ — A' SAHIDA DO TEMPLO

Foi extraordinariamente imponente a manifestação de simpatia feita ao sr. patriarca por ocasião do seu regresso a Lisboa. Promovida pelo cabido da Sé Patriarcal, realisou-se «um Te-Deum», em acção de graças, ouvido por uma numerosa assistencia. Ali acorreu a parte mais seleta da nossa melhor sociedade. O templo estava vistosamente e luxuosamente ornamentado. Arco da capela-mór guarnecido de setim e veludo, tribunas e paredes da capela forradas de damasco e ouro — produziam, em conjunto, efeito de deslumbramento e unção religiosa.

PUBLICAÇÕES

Em terras de Portugal — *Recordações — Esboços — Phantasias* — por Alfredo Pinto (Sacavem) — Livraria Ferin — Lisboa — 1914.

Mais um livro vem demonstrar-nos as admiráveis qualidades de trabalho e intelligencia de que

é dotado o nosso excelente amigo e colaborador sr. Alfredo Pinto (Sacavem).

Não é somente um consciencioso critico de arte, distingue-se, tambem, como escritôr, pela precisão do seu estilo, fluente, incisivo e terso. O livro que temos, á vista, sobre a nossa mesa de trabalho, é um relato de impressões de viagem

pelas Caldas da Rainha e sempre leal villa de Obidos. E é negavel que o sr. Alfredo Pinto sabe fazer evocar por auxilio da sua prosa e encanto das magnificas fotografias que estampa no seu livro, as paisagens maravilhosas da natureza e os costumes simples dos campezinos.

Agradecemos a oferta.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Almanaque Ilustrado do "Occidente"

PARA 1914

PREÇO 100 réis — Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos agentes

Empreza do Occidente

Poço Novo — LISBOA

Comprem os Bordados Schweizer



franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo sobre cambraila, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa colleção 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

CONTRA A TOSSE

MARQUE VITALOR
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias